

Tullio Viola, *Peirce on the Uses of History*, Peirceana 4. Walter de Gruyter GmbH, 2020. 250 pp. ISBN: 978-3-11-064949-9.

Para benefício da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), foi transladada para Portugal uma cópia física da mais recente monografia da autoria de Tullio Viola. Desde as estantes do Instituto de Estudos Filosóficos (IEF), por intermédio dos Serviços de Biblioteca e Documentação da FLUC, uma produção Walter de Gruyter publicada simultaneamente em Berlim, em Boston e em linha no ano de 2020 conserva-se nesta ocasião entre os nossos braços. No centro das atenções está o quarto volume da coleção Peirceana, que coordenam Francesco Belluci e Ahti-Veikko Pietarinen. Trata-se de *Peirce on the Uses of History*, resultado da transfiguração de uma tese de doutoramento intitulada “Philosophy and History: The Legacy of Peirce’s Realism”, defendida por Viola em setembro de 2015 na *Humboldt-Universität* de Berlim.

O miolo da monografia desdobra-se em três partes que se subdividem num total de sete capítulos. Estes, a par de uma introdução, uma conclusão e um meticoloso aparato crítico, destinam-se a trazer consigo uma aproximação à relação entre filosofia e história. Para tal, aprecia-se o significado da história no seio da obra de Charles S. Peirce. Foi dado ao prelo o resultado do exame que Viola fez, por um lado, aos argumentos filosóficos do cientista falecido no ano de 1914 em Milford, Pensilvânia, acerca da vocação da história e, por outro, às iniciativas científicas desenvolvidas pelo mesmo no campo da historiografia.

De acordo com o autor, aquilo que torna a filosofia da história de Peirce num caso de notável singularidade no panorama alargado da tradição filosófica passa pela sua compleição realista. Sugere Tullio Viola ser este *realismo* a constituir um traço central do entendimento a respeito da história por parte do filósofo estudado. De acordo com o primeiro, o segundo não apenas reconhece a cientificidade da história e lhe consagra o passado enquanto objeto de investigação como também entendeu haver necessidade de reconhecermos a realidade do passado, uma vez que o contrário implicaria a impossibilidade de serem reunidas as condições para a emergência de consciências susceptíveis de orientação no tempo.

Num primeiro momento, Viola não apenas introduz a obra como também dá acesso às conclusões alcançadas após passar a pente fino as primeiras décadas do desenvolvimento intelectual de Peirce - *i.e.*, até meados dos anos 80 do século XIX -, período que o autor espera ter congruentemente representado por meio desta sua tentativa de reconstruir de modo diacrónico o envolvimento do filósofo norte-americano em investigações de cariz historiográfico.

Numa segunda etapa, Viola mantém o acento nos labores de Peirce e debruça-se sobre o prisma deste acerca da distinção entre história e filosofia, da história das ciências e da classificação das mesmas que nos foi legada pelo filósofo de Cambridge, Massachusetts. De acordo com o autor, a referida classificação não carrega em si mesma o cunho multifário que pode ser observado nas próprias aproximações que Peirce fez à história.

A impressão que fica é que o papel da história em Peirce é de uma monumental complexidade, valendo a pena talvez sublinhar que o filósofo dà história a palavra mesmo em se tratando de um domínio em que o interesse reinante passe pelo desenvolvimento do objeto de qualquer uma outra área científica, por não haver domínio alheio ao da história, incluindo a filosofia, que não importe da seara historiográfica os seus maiores bens: um consórcio de diacronia e diálogo através do qual se celebra a união entre quem investiga, empreendimentos do passado e a comunidade científica presentemente operante.

Num terceiro segmento, o autor empenha-se no estudo da questão sobre a diacronia - ou, recorrendo a um outro código, *historicidade* - em Peirce. Neste sentido, Viola procura aferir até que ponto a metafísica peirceana abre o presente ao passado; ou, dito de outro modo, até que ponto pode o passado interferir com o presente no quadro processualista que considera o autor ter o filósofo de Cambridge reconhecido em tudo o quanto na realidade formos a considerar do ponto de vista da *terceiridade*, a categoria metafísica de Peirce que tudo envolve na tessitura da mente, das leis da natureza ou dos hábitos de um modo geral. A quem ler Viola, será propiciado o acesso a uma perspectiva instruída sobre o significado do passado no íntimo das investigações científicas e estritamente filosóficas de Peirce.

O recalçamento de um quadro processualista peirceano, que o autor considera ter sido desenhado como resposta à questão sobre a historicidade, serve para ilustrar uma quarta subdivisão da obra. Então, Viola conduz a discussão para o terreno da epistemologia e explora a temática da alteridade, inquirindo sobre as fontes externas do conhecimento e sobre a relação com o passado que está implicada no diálogo mantido entre uma potência que conhece, as demais potências vivas capazes de conhecer e o legado de potências que passaram pela vida e conheceram num passado que se presentifica. Assim, atentando aos cruzamentos entre o pensamento de Peirce e o de autores nunca esquecidos nas histórias da filosofia, como sejam Descartes ou Kant, Viola segue a desbravar caminho para uma melhor compreensão sobre o papel que o filósofo massachusetano atribuiu à experiência, à aprendizagem e à tradição na hora de avançar pelas sendas mais propriamente sistemáticas do fazer filosófico. Segundo o autor, é sem prejuízo para a autonomia da filosofia enquanto disciplina que Peirce reconhece a relevância que, em sede filosófica, tem a observação das realidades empírica e histórica.

No quinto capítulo, Viola fecha a segunda parte, que havia tido início na terceira secção da obra. Em articulação com os estudos dedicados à diacronia e ao diálogo, a segunda parte de *Peirce on the Uses of History* chega ao fim a centrar-se nas consequências da admissão da natureza social da ação, do pensamento e, muito precisamente, da ciência e da filosofia no que respeita às relações que ambas - ou a *scientia*, para bem dizer “ambas” - mantêm com a história em particular. Com o fecho da segunda parte da monografia, o autor passa a filiar-se a uma estratégia qualitativamente mais próxima da que é observável na primeira parte da obra. Quer isto dizer que Viola tornará, doravante, a interpretar mais as linhas do que as entrelinhas

da conceção de história que pode ser observada em Peirce, desta feita com a atenção voltada exclusivamente para o *corpus* textual que este urdiu nos finais do século XIX e princípios do século XX. Os textos do filósofo estado-unidense que são agora considerados pelo autor são aqueles dedicados pelo primeiro a dar vazão a temas relativos à história da ciência, mas também os escritos nos quais Viola reconheceu a subsistência de reflexões valiosas em matéria de metodologia historiográfica.

Antes do capítulo final, é possível debruçarmo-nos sobre uma sexta subsecção, dedicada ao trabalho de Peirce enquanto historiador. Sem esgotar o leque de temáticas sobre as quais o cientista examinado se debruçou ao pensar a história das ciências—não procedendo também Viola a uma contextualização exaustiva das fontes daquele nem do quadro da historiografia no século XIX—, o autor seleciona um conjunto de tópicos que acredita serem particularmente reveladores da relação de proximidade entre os interesses filosóficos e históricos no pensamento de Peirce. Tal proximidade, como sugere Viola, deriva do facto de que o filósofo de Cambridge, ao fazer história, estava a aprofundar a sua faina filosófica; e, ao fazer filosofia, estava o pensador a enraizar as suas investigações estritamente historiográficas. O autor discorre sobre tópicos como as origens da ciência; os *des-encontros* entre evolução-revoluções e indivíduos-coletivos; a apreciação de obras de arte, de artefactos e da arquitetura; o estudo dedicado por Peirce à obra de Pedro de Maricourt, um mais jovem espírito científico contemporâneo de Tomás de Aquino; e, por fim, um último tópico gira em torno do entusiasmo do filósofo norte-americano pela janela biográfica do observar historiográfico.

No sétimo capítulo – prestando particular atenção à polémica em que Peirce se envolveu contra o ceticismo histórico; ao interesse deste pelo carácter empírico das evidências e por investigações arqueológicas; ao valor pelo mesmo atribuído aos materiais não-textuais; à paixão do filósofo pela erudição e pela minúcia dos detalhes; e ao perfil realista do seu entendimento (tal como a sua convicção quanto à cientificidade) da história, da filosofia e das ciências de um modo geral –, Viola discorre sobre as preocupações de Peirce quanto à lógica e ao método da história. Só então avança o autor para uma derradeira efusão.

Na conclusão, Viola versa sobre os três temas a que atribuiu maior relevo ao longo das cerca de duzentas páginas que precedem este intervalo final, nomeadamente a pluralidade dos usos da história em Peirce; os interesses deste que terão levado o mesmo a alcançar um entendimento sobre a história da filosofia, a das ciências de um modo geral e as abordagens sistemáticas das mesmas como estando profundamente entrelaçadas; e, por fim, o problema do realismo de Peirce, que o autor nega poder ser interpretado como uma falta de sensibilidade do filósofo com respeito às contingências da história e à falibilidade de toda a ciência humana. Segundo insinua Viola, o realismo de Peirce talvez seja melhor compreendido no quadro de uma filosofia do cuidado empenhada, sobretudo, em não malbaratar tempo a brincar com matérias de facto, favorecendo na lide com estes uma certa prudência.

A leitura desta obra monográfica exige um conhecimento apreciável da língua inglesa, o que constitui um autêntico motivo de desconsolo, pois não poderá tirar proveito deste oportuno recurso quem não dominar aquela que é atualmente a terceira língua com mais falantes nativa/os no planeta. Não obstante, é inegável que o investimento do IEF nesta edificante monografia contribuiu para tornar a FLUC todavia mais facultosa.

Robert Martins Junqueira

Unidade I&D – Instituto de Estudos Filosóficos (IEF-FLUC)

Instituto de Estudos Filosóficos

E-mail: martinsjunqueira2@gmail.com

ORCID: 0000-0003-1944-654X

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_60_16